

CULTURA MATERIAL ESCOLAR: AS PROPAGANDAS DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DE PELOTAS-RS DANDO VISIBILIDADE AO ESPAÇO ESCOLAR (1975-1910)

Dnda. Helena de Araujo Neves
Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas
Integrante do Grupo de pesquisadores do Centro de Estudos e Investigações em História da
Educação (CEIHE)/ Universidade Federal de Pelotas – RS
lennan@terra.com.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar alguns dados acerca da cultura material escolar em Pelotas-RS, durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, especialmente no que se refere aos espaços físicos que abrigavam as instituições de ensino. Esses dados foram investigados por meio do conteúdo de propagandas institucionais, publicadas em distintos periódicos que circulavam na cidade de Pelotas-RS no período investigado.

Palavras-Chave: Arquitetura Escolar; Propaganda; História da Educação

Introdução

A expansão no campo do trabalho do historiador, tanto no que diz respeito a atores, quanto aos temas e objetos, foi contemplada em uma pesquisa, em nível de mestrado, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas-RS, ao propor uma investigação sobre aspectos da História da Educação Pelotense utilizando, como fonte privilegiada para esse estudo, o uso de propagandas de instituições de ensino. Este artigo tem por objetivo divulgar parte dos resultados obtidos com essa pesquisa – no que se refere à cultura material escolar expressa nos anúncios das instituições de ensino de Pelotas-RS, entre os anos de 1875 a 1910. A determinação do recorte temporal foi estabelecida levando em consideração dois fatores: o primeiro, e provavelmente mais importante é que a propaganda torna-se, atualmente, uma das únicas fontes existentes que contém informações sobre as instituições de ensino de Pelotas – principalmente no que se refere aos aspectos da materialidade dos espaços de ensino então existentes na cidade. O segundo fator relacionou-se à possibilidade de acesso ao acervo de jornais existentes na Bibliotheca Pública Pelotense. Foram disponibilizados, para

consulta, periódicos com publicações a partir do ano de 1875¹, por isso essa data de início. Já o ano de 1910 foi ligado ao fato de que, a partir da década seguinte, surgiram escolas públicas – municipais e estaduais – e escolas particulares que, ao que tudo indica, configuraram um diferente perfil educacional para a cidade de Pelotas.

Com base nas fontes encontradas, e por meio da análise documental, observou-se que os anúncios destacavam características da estrutura física de algumas instituições de ensino de Pelotas-RS, na virada do século XIX para o século XX. Dados que serão contemplados por este artigo.

1. A diversificação de Fontes: a Imprensa e a Propaganda

Antes de realizar uma investigação histórica, há que se ter em vista as críticas ou as contestações de certas posturas historiográficas presentes na ruptura dos paradigmas das últimas décadas do século XX. Segundo Pesavento (2003, p.9) essa ruptura:

não representa uma ruptura completa com as matrizes originais. Ou seja, foi ainda dentro da vertente neomarxista inglesa e da história francesa dos Annales que veio o impulso de renovação, resultando na abertura desta nova corrente historiográfica a que chamamos de História Cultural ou mesmo de Nova História Cultural.

Para a autora, essa mudança se deu nos anos de 1970, ou mesmo antes em 1960, quando se iniciou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade, que acabou por ocasionar secções epistemológicas profundas pondo em xeque os marcos conceituais dominantes na História (PESAVENTO, 2003, p. 8). No panorama da história mundial, ainda havia então uma vertente interpretativa da história, que vinha desde o século XIX. Essa chamava a atenção para as discontinuidades dos tempos históricos e para a necessidade de se buscar os sentidos de cada momento do passado.

O que se observou sobre as transformações no século XX, no campo dos estudos históricos, sobretudo na França, foi uma crise dos paradigmas, uma

¹ É importante destacar que a Bibliotheca Pública de Pelotas possui jornais mais antigos do que os do ano de 1875, mas esses se encontram ou em um número reduzido, ou não são disponibilizados para consulta. Foram analisados seis exemplares de jornais com a periodização anterior ao ano de 1875 com títulos e anos distintos. Neles foi possível encontrar apenas um anúncio que não trazia nenhum elemento novo e relevante para a investigação. Optou-se, então, por estabelecer-se, definitivamente, o ano de 1875 como o início do período, levando-se em consideração o ano em que foi possível encontrar jornais com uma publicação diária.

descrença nas formas de interpretar o real, conflito esse que se instaurou no seio das ciências humanas. Para Luca (2005, p.112):

a face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes no território da História.

Com o alargamento dos temas abordados pelos pesquisadores, aos poucos foram também ampliados os usos das fontes e, assim, os historiadores da educação observaram que a História se faz a partir de qualquer vestígio deixado pelas sociedades passadas. Nesse sentido, Souza e Gatti Júnior (2004) apontam que:

toda essa compreensão do desenvolvimento na pesquisa em História, levou conseqüentemente, ao avanço das investigações em História da Educação. Devido ao avanço da investigação da história educacional brasileira o conhecimento sobre as mais diferentes épocas e temáticas ampliou-se consideravelmente. Isso trouxe a possibilidade de recriação de um dos objetos da história da educação brasileira, a instituição escolar, trazendo à tona aspectos antes ignorados ou secundarizados. [...] começa-se a questionar o porquê deste prédio, o porquê destes alunos, o porquê destes professores. Qual era a situação política e econômica na época em que esta escola foi instalada.

O uso de novas fontes, então, não trouxe implicações somente para a seleção dos objetos a serem pesquisados, mas também mudou o tratamento dado a elas. Tão importante, quanto o documento, são as perguntas que o pesquisador formula sobre o mesmo. O ponto de partida, desse modo, torna-se um questionamento e não o documento por si só. É por isso, segundo Lopes e Galvão (2001), que se diz que uma fonte nunca está esgotada, já que enquanto existirem perguntas, o material não estará suficientemente explorado.

Percebe-se, assim, que o olhar da História ampliou-se, voltou-se para outras questões e problemas. Essa ampliação no campo do trabalho do historiador é, neste artigo, contemplada ao propor uma investigação sobre aspectos da cultura material escolar pelotense utilizando, como fonte privilegiada para esse estudo, o uso de anúncios publicitários. Entende-se que estes foram um testemunho das características do cotidiano escolar de um período, que ilustravam também uma concepção moral e social de um grupo de profissionais. Além disso, podem ser utilizados como um caminho para se estudar a vida escolar e o pensamento pedagógico através dos discursos veiculados dentro e fora do universo escolar.

Dessa forma, reflete-se sobre o fato de que a utilização da imprensa para se investigar a história da educação ganha, cada vez mais, espaço nas pesquisas realizadas na área da História da Educação.

Em Pelotas, apesar do aparecimento tardio da imprensa – em relação à cidade de Porto Alegre – segundo Reverbel (1981, p.41), logo que se instalou se equiparou à da capital. Em Pelotas, durante o período investigado existiam periódicos como o *Onze de Junho*, o *Diário de Pelotas*, o *Correio Mercantil* e *A Pátria*, jornais que, para Reverbel (1981), possuíam uma qualidade que pouco, ou nada, devia ao padrão porto-alegrense. Já a partir de 1870, surgiu, em Pelotas, o prelo de ferro e, logo em seguida, a máquina a vapor que agilizam a editoração e produção jornalística, viabilizando a sustentação de periódicos diários como o *Diário de Pelotas* (1868-1889), de Ernesto Augusto Gerngross, e o *Correio Mercantil* (1875-1915), de Antônio Joaquim Dias.

No período de seu apogeu econômico e cultural (1860-1890), apontado por Magalhães (1993), Pelotas chegou a ter uma dezena de jornais com circulação simultânea. Pelos estudos de Loner (1998) encontra-se que dos jornais existentes na cidade, no período investigado, os que tinham uma periodicidade diária eram os seguintes: *Correio Mercantil* (1875), *A Pátria* (1886), *Diário Popular* (1890), *Tribuna Federal* (1893), *A Opinião Pública* (1896) e *A Reforma* (1906-1911). Segundo a autora, esses jornais, no princípio da República Velha, costumavam ter duas folhas, impressas dos dois lados, com um tamanho variável entre 45cm x 62cm e 41cm x 60cm. Era comum que as duas primeiras páginas fossem dedicadas às notícias; na terceira, estas dividiam espaços com os anúncios e os editais; e a última era constituída integralmente por propagandas.

Rüdiger (1993, p.47) aponta que o *Correio Mercantil* de Pelotas foi o introdutor do uso de maquinários de gás na imprensa da província, tornando-se um dos primeiros jornais a estabelecer serviço telegráfico regular para transmissão de notícias. Ainda em 1881, apesar do alto custo, seu fundador, Antônio Dias, conseguiu montar uma estrutura empresarial em seu jornal. Dessa maneira a imprensa pelotense foi deixando de ser artesanal, com publicações esporádicas e eventuais, para se tornar industrial, com a circulação de exemplares diários. Já no princípio do século XX, ocorreu em Pelotas a difusão de duas grandes complementações às técnicas até então utilizadas na impressão: o uso da fotografia

nas ilustrações das publicidades e crônicas, em substituição aos desenhos, e a utilização do sistema de impressão *offset* (1904) que ampliaram enormemente o campo de aplicação litográfica. Esta passou a ser gradativamente utilizada em maior escala na publicidade para, posteriormente, ser empregada nas reportagens jornalísticas (VANTI, 2003, p.51).

A fonte privilegiada por esta investigação, a propaganda foi um meio muito utilizado pelas instituições de ensino de Pelotas para se comunicar com o seu mercado consumidor – até porque, nesse momento, o jornal era o meio de comunicação mais popular e difundido no Brasil. Ao utilizar a propaganda como forma de expressão e divulgação dos estabelecimentos de ensino, seus dirigentes deixaram registrado, no conteúdo dos anúncios, dados importantes sobre o passado da cultura material escolar pelotense – na virada do século XIX para o século XX.

2. A Propaganda das Instituições de Ensino de Pelotas-RS dando visibilidade à Cultura Material Escolar

Durante a segunda metade do século XIX Pelotas abrigou um número expressivo de instituições de ensino particulares. Eram conceituadas escolas privadas de ensino primário e mesmo de humanidades que nada ficavam a dever às da capital rio-grandense na mesma época. Nesse período a cidade recebia estudantes oriundos de outras localidades do estado, que se deslocavam de sua terra natal para, em Pelotas, obter o ensino de qualidade que então procuravam.

O cenário abordado por esta pesquisa: os anos de 1875 a 1910 foi um período de ascensão e de declínio das charqueadas, em que a oferta de serviços urbanos aumenta – com a diversificação de atividades econômicas voltadas para o comércio e para o serviço. Neste momento a educação torna-se fundamental para o desenvolvimento de tais atividades, e conseqüentemente para a cidade.

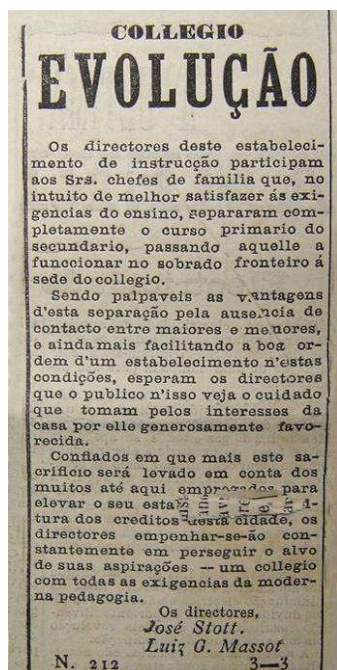
Assim, diante desse panorama, verificou-se, a partir das propagandas das instituições de ensino encontradas na pesquisa, que existia, por parte dos diretores dos colégios, a exposição de aspectos da cultura material escolar – principalmente no que se refere à estrutura física das instituições. Além disso, as escolas de caráter privado, tanto para o sexo feminino, quanto para o masculino, encontradas na investigação, também deixaram evidenciados em seus anúncios a localização da

instituição, as disciplinas que eram oferecidas, o programa e livros adotados, bem como seu corpo docente.

É importante destacar que as instituições precisavam manter os pais de seus alunos informados – caso houvesse alguma modificação no contrato firmado. Esta realidade ficou evidenciada no Art.107º, parágrafo 2º, do Decreto Nº 1331, de 17 de fevereiro de 1854, no Capítulo Único “do Ensino particular primário e secundário”, quando foi vetado aos diretores:

mudar, sem previa declaração e licença, o caracter de seu estabelecimento, quer estendendo o programma, quer deixando de observar e de cumprir os empenhos tomados com as famílias nos prospectos ou annuncios (TAMBARA e ARRIADA, 2005, p.64).

Um ponto observado acerca do espaço escolar foi a ocorrência de instituições oferecendo prédios distintos para o ensino secundário e primário, fato esse que ilustrou uma realidade encontrada no período analisado: que, em algumas, os alunos ficavam misturados, independentemente do nível de ensino em que estariam submetidos. Entretanto, o Collegio Evolução de Pelotas cumpria, segundo ele próprio anunciava, com “as exigências da moderna pedagogia”, ao separar os alunos do primário e do secundário, como apresentado nesta propaganda²:



Os directores deste estabelecimento de instrucção participam aos srs. chefes de familia que, no intuito de melhor satisfazer as exigências do ensino, separaram completamente o curso primario do secundario, passando aquelle a funcionar no sobrado fronteiro á sede do collegio. Sendo palpáveis as vantagens d'esta separação pela ausência de contacto entre maiores e menores, e ainda mais facilitando a boa ordem d'um estabelecimento n'estas condições, esperam os directores que o publico n'isso veja o cuidado que tomam pelos interesses de casa por elle generosamente favorecida. Confiados em que mais este sacrificio será levado em conta dos muitos até aqui empregados para elevar o seu estabelecimento a altura dos créditos desta cidade, os directores empenhar-se-ão constantemente em perseguir o alvo de suas aspirações — um collegio com todas as exigências da moderna pedagogia. Os directores José Stott e Luiz C. Massot.

Figura 1 – Anúncio do Collegio Evolução.
Fonte: JORNAL A DISCUSSÃO, 1/4/1886.

² Ao longo deste artigo, em função da legibilidade, partes dos textos dos anúncios serão destacadas em caixas de texto. Além disso, a grafia original dos textos será mantida.

Com relação à estrutura física das escolas, foram encontrados dois anúncios que ilustram a fachada da instituição. Em uma propaganda do Collegio Evolução, além da ilustração do prédio, aparece a descrição do mesmo. O texto chama a atenção para o fato de que o colégio ocupava duas casas, possuindo três grandes pátios que possibilitavam separar os alunos por idade. Essa preocupação por parte da escola, diferentemente de outras instituições, permite perceber que os alunos poderiam ser separados por classes, dentro das horas de estudo, como também nos momentos de lazer.



Este estabelecimento de instrução primaria e secundaria reabre as aulas a 9 de janeiro p.f. Funciona, á praça da igreja, em dous espaços edificados, que dispõem de três grandes pateos para jogos e recreios dos alumnos separados segundo as idades [...]

Figura 2 – Anúncio do Collegio Evolução.
Fonte: JORNAL DIÁRIO DE PELOTAS, 1/1/1888.

Ressalta-se que somente foram encontrados nos anúncios imagens de duas fachadas dentre as tantas escolas que funcionaram em Pelotas. Causa estranheza o fato de, por exemplo, o Gymnasio Pelotense não publicar sua fachada, uma vez que possuía prédio próprio, um palacete que pertencia à família Ribas e que fora adquirido pela Maçonaria. Este prédio, no final do século XIX, chegou a abrigar membros da família real em visita a Pelotas. Portanto, o espaço ocupado pelo Gymnasio Pelotense era um diferencial dentre outros existentes na cidade. Embora não apresentasse o prédio, discorria nos anúncios, as suas características singulares (NEVES, 2007). Convém destacar que foi possível perceber, com a

pesquisa, que muitas instituições mudaram seu endereço ao longo dos anos. Um exemplo disso é a Escola Alemã/Deutsche Schule que, em 1902, se localizava na Rua General Osório, já em 1904, tinha como endereço a Rua Felix da Cunha e no ano de 1906, muda-se para a General Netto n.16 (NEVES, 2007). Os textos dos anúncios revelam, então, que muitas delas alugavam um espaço para desenvolver as atividades da educação não possuindo, portanto, o seu próprio prédio. Com isso, as aulas particulares e os colégios representam segundo Faria Filho e Vidal (2000, p.22), uma “multiplicidade de modelos de escolarização realizados nas escolas do século XIX”, em que “todos eles, com exceção dos colégios, utilizavam espaços improvisados nas casas das famílias ou dos professores e de prédios públicos ou comerciais”.

Por outro lado, aquelas escolas que divulgavam sua estrutura física apresentavam um discurso sobre a qualidade, a tradição, além de reforçar a identidade pretendida por elas. Esse discurso auxilia na construção de um sentimento de pertencimento, pois além de um nome e de professores competentes, a instituição possuía um marco que lhe identificava dentro do espaço urbano pelotense. Esse é o caso do Lyceu Rio-Grandense observado na próxima propaganda.

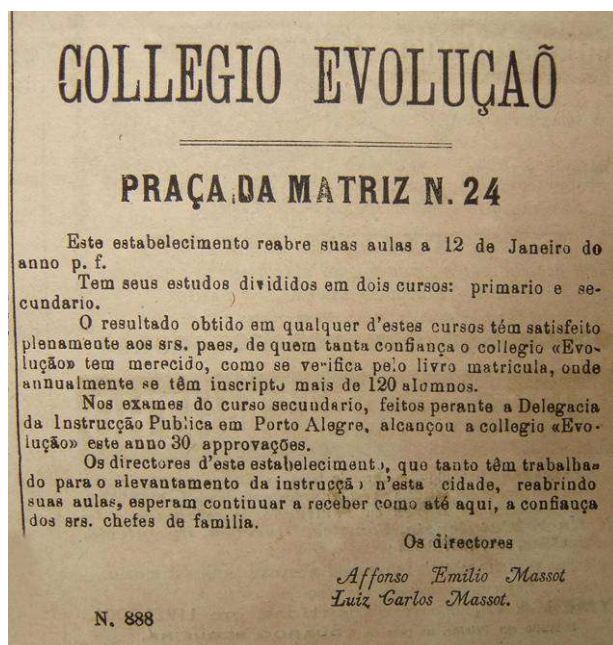


No cliché acima reproduzimos a vista do Lyceu Rio-Grandense de Agronomia e Veterinária desta cidade, importante estabelecimento de instrução, e um dos melhores ornamentos do município. [...] as aulas do Lyceu são espaçosas e arejadas e estão mobiliadas pelo moderno systema das escolas. [...] O edificio da Escola Pratica ha pouco foi reformado e apresenta o melhor aspecto [...]

Figura 3 – Anúncio do Lyceu Rio-Grandense.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 1/1/1893.

Quanto ao tamanho das instituições escolares, torna-se necessário realizar uma pesquisa mais ampla e aprofundada, mas encontrou-se alguns dados que podem dar pistas da estrutura de determinadas escolas. Por exemplo: o número de alunos e de professores e a importância destes no cenário educativo local; o preço cobrado pelos trimestres; o número de disciplinas oferecidas e o número de diretores que a instituição possuía.

Sobre o número de alunos que cada instituição abrigava, algumas propagandas apontam a quantidade máxima de discentes permitida para a matrícula; outras não davam pistas da capacidade da escola. O que se percebeu foi que provavelmente algumas instituições de ensino divulgavam o número total de alunos ao somar a quantidade de matriculados em cada disciplina oferecida. Com isso, a quantidade seria bem maior do que o número real de alunos freqüentando a escola. O Collegio Evolução, por exemplo, apresentou, no próximo anúncio, que o número anual de alunos chegou a 120. Isso significa que, ao longo de quatro trimestres, 120 matrículas foram efetuadas no colégio, não necessariamente por 120 alunos. Isso porque poderiam ser, por exemplo, 30 alunos que se matricularam durante quatro trimestres.



[...] O resultado obtido em qualquer d'estes cursos tem satisfeito plenamente aos srs. paes, de quem tanta confiança o collegio Evolução tem merecido, como se verifica pelo livro de matricula, onde annualmente se têm inscripto mais de 120 alumnos [...]

Figura 4 – Anúncio do Collegio Evolução.
Fonte: JORNAL A DISCUSSÃO, 1/4/1886.

Já outras instituições davam a entender que o número de alunos divulgado era de fato absorvido pela instituição trimestralmente. Esse é um elemento que dá pistas

do tamanho da instituição, já que algumas publicavam que 60 seria a quantidade máxima de matrículas. Esse número seria dividido em duas turmas do ensino primário, acrescido de dez matrículas para o nível secundário, como foi descrito no anúncio da Escola Moderna encontrado no Jornal Diário Popular de 9/1/1898. Um caso em que a quantidade de alunos divulgada era significativa, se comparada com a de outras instituições, refere-se ao Collegio São Francisco de Paula, que se dispunha a receber um número superior a 100 alunos.

COLLEGIO S. FRANCISCO DE PAULA

103 RUA GENERAL VICTORINO 103

Director : Washington da Camara Barcellos

Este estabelecimento de instrução primaria e secundaria, situado no centro da cidade com espaço sufficiente para recreio dos alumnos e acompanhado de todas as circunstancias hygienicas, tem capacidade para receber numero superior a 100 discipulos.

MATERIAS DO ENSINO

Ensino primario

Leitura prosa e verso de autores classicos, de letra manuscripta ; grammatica oral e analyse oral e escripta ; as quatro operações de arithmetica, e sua applicação ao systema metrico decimal ; orthographia theorica e pratica e geographia physica.

Curso secundario

Exercicios de analyse oral e escripta, dos classicos adoptados para o curso de preparatorios; grammatica physiosophica accomodada ao idioma vernaculo, francez, ensino theorico e pratico ; inglez latim, rethorica geographia physica e astronomica, algebra, geometria e escriptura mercantil; esta disciplina é a parte e depende de convenio com os Srs. pais.

Professores

Carlos A. Laquintinista, Emerik Royal, Francisco de Paula Malwal, Luiz Carlos Massol, Alfredo Ferreira Roiz, Mario de Paula Couto e o director.

Pensões por trimestre adiantadas

Pensionista secundario	440\$000
Dito primario	420\$000
Meio dito, tanto primario como secundario	75\$000
Externo secundario	30\$000
Dito primario	15\$000

Os alumnos, cujos pais residirem fora da cidade, deverão ter um correspondente com quem se possa entender o director quando for necessario.

O mez das ferias não soffrerá desconto algum e nenhuma restituição se fará ao alumno que se retirar do collegio depois do comecado o trimestre.

Este programma que apresento e me comprometo a cumprir conscienciosamente, penso agradará aos Srs. pais preparando seus filhos para um curso superior em qualquer academia.

O resultado que o collegio acaba de obter dos alumnos que responderam a exames na Instrução em Porto Alegre bem demonstra o zelo e dedicacão dos professores d'este collegio.

Pelo que respeito a boa ordem, disciplina e moralidade do estabelecimento, nada ha que receiar, pois o director em pessoa assiste ao estudo e recreio dos alumnos.

Este estabelecimento de instrução primaria e secundaria, situado no centro da cidade com espaço sufficiente para recreio dos alumnos e acompanhado de todas as circunstancias hygienicas, tem capacidade para receber numero superior a 100 discipulos [...]

Figura 5 – Anúncio do Collegio São Francisco de Paula.
Fonte: JORNAL A NAÇÃO, 16/1/1894.

Ainda que o colégio não tenha deixado claro se era anual a capacidade de recebimento de alunos, o fato de tornar público que poderia abrigar uma população superior a 100 alunos e que possuía espaçosos pátios além condições higiênicas favoráveis para receber os discentes, permite constatar aspectos sobre a estrutura física da escola, além de dar sinais sobre o que era oferecido aos alunos com relação a um tipo de ambiente escolar, existente na cidade de Pelotas, no período estudado.

Mesmo entendendo que esse foi um momento em que não era comum a construção de prédios escolares, foi importante perceber que, para este fim, eram

alugadas construções de pessoas reconhecidas pela comunidade pelotense, em espaços urbanos também privilegiados, como muitas vezes divulgado nas propagandas encontradas. Segundo Faria Filho (1998), esta:

é uma cultura escolar que dialoga com a cultura urbana, criando e/ou se apropriando de representações sobre o conjunto do social a partir do seu lugar específico na cidade. É a cultura de uma escola que se localiza, literal e simbolicamente, no centro, visando a influenciar os "poderes constituídos" e, neste movimento, constituir-se como um poder de influência sobre os "outros", sobre aqueles que se localizam na periferia (Grifos do autor).

Salienta-se que este foi um momento em que as escolas buscavam melhores condições higiênicas para desenvolverem o seu trabalho e respeitar a legislação, mas também usavam o espaço urbano como um diferencial, ajudando, portanto a construir as representações de um espaço público que estava em construção: a cidade de Pelotas.

Durante este estudo deparou-se também com o fato de que, em diferentes anos, escolas distintas ocuparam o mesmo prédio – provavelmente porque este apresentava condições para o desenvolvimento das atividades relacionadas à educação.

Além disso, em muitas propagandas, era divulgado que o endereço de determinadas instituições seria provisório, possivelmente porque necessitavam saber o número de alunos matriculados para, então, definir o tamanho do prédio a ser ocupado e o que gastariam de aluguel com o mesmo. Esse fato deixa evidenciado que, nesse momento, essas instituições de ensino não tinham um espaço físico próprio. Essa realidade, enfrentada pelo ensino privado, poderia ocorrer, em função da deficiente oferta de espaços adequados para aluguéis. Conforme foi apontado por Werle (2005, p.87), com relação ao ensino público no Rio Grande do Sul, “em lugares mais populosos a disputa por espaços residenciais era maior o que tornava mais altos os aluguéis das casas em que funcionavam as escolas”.

Diante do todo exposto, ao analisar-se traços da cultura material escolar, em especial à arquitetura e ao espaço urbano pelotense, foi possível perceber as representações produzidas pelos agentes e profissionais da educação sobre o espaço escolar que ocupavam e, conseqüentemente, sobre o espaço urbano pelotense. Nos seus discursos estavam presentes não só as qualidades da rua e do prédio que ocupavam, mas, também, em alguns casos, os seus antigos proprietários e seus

vizinhos – que, por serem pessoas conhecidas na cidade, eram usados como referência do local (NEVES, 2007).

3. Considerações Finais

Com base nos dados das propagandas institucionais do período que se investigou, (1875-1910), constatou-se que nesse momento estava sendo constituído, pouco a pouco, um sistema de educação – não só em Pelotas como no Brasil. Em que o ensino saía de dentro das casas, como prática do ensino privado, para, aos poucos, serem formadas instituições de ensino, cujas estruturas iam sendo alteradas com o passar dos anos. Essa alteração dá subsídios para se pensar a cultura material escolar nesse período. Assim, acredita-se que, de alguma forma, essa cultura material tenha sido contemplada pelas propagandas das instituições de ensino expostas neste artigo. Isso porque, os anúncios dão pistas, em muitos momentos, acerca da arquitetura e da organização escolar dentro dos espaços destinados à educação – que eram privados e que se tornavam públicos mediante a exposição nas propagandas.

Por fim, com relação à localização das escolas, não foi possível realizar uma distribuição geográfica respeitando os zoneamentos dessas – com base nos endereços indicados nos anúncios – uma vez que a grande maioria das instituições não informava entre que ruas se situavam. Buscou-se documentos que contivessem a numeração dos prédios nesse período, mas não foram obtidos dados significativos. Ainda assim, acredita-se que é possível fazer uma procura mais criteriosa nesse sentido, tentando encontrar dados mais específicos sobre as ruas nesse período que se investigou. Isso porque, entende-se que os dados levantados podem contribuir com uma busca pela localização dos prédios, para então verificar se ainda existem no espaço urbano pelotense. Essas informações, caso encontradas, trarão elementos mais concretos sobre a estrutura dos estabelecimentos de ensino – um tema importante para a construção do ambiente histórico-espacial da educação pelotense.

5. Referências

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de.. **Dos Pardieiros aos Palácios – cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo: UPF, 2000.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões.** Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, nº1, v.24, Jan/Jun, 1988.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. VIDAL, Diana Gonçalves. **Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil.** Revista Brasileira de Educação nº14, Mai/Jun/Ago, p.19-33, 2000.

LONER, Ana Beatriz. **Construção de Classe – Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930).** Pelotas: Editora e Gráfica Universitária UFPel, 2001.

LOPES, Eliane Marta Teixeira.; GALVÃO, Ana Maria. **História da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In: PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky. Fontes Históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul – Um estudo sobre a História de Pelotas (1860-1890).** Pelotas: Editora da UFPel, 1993.

NEVES, Helena de Araujo. **A “Alma do Negócio”: aspectos da educação em Pelotas-RS na Propaganda Institucional (1875-1910).** 2007. 260 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFPel, Pelotas.

NÓVOA, António. A Imprensa de Educação e Ensino: concepção e organização do repertório Português. In: CATANI, Denice Bárbara.; BASTOS Maria Helena Camara. **Educação em Revista – A imprensa Periódica e a História da Educação.** São Paulo: Escrituras, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas.** São Paulo: Editora Contexto, 2005.

REVERBEL, Carlos. **Um Capitão da Guarda Nacional – vida e obra de J. Simões Lopes Neto.** Caxias do Sul: Martins Livreiro, 1981.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. **Modernidade Urbana e dominação da Natureza: O Saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XX.** História em Revista, Pelotas, n.7, 2001. Disponível em: <<http://ich.ufpel.edu.br/ndh/revista.htm>> Acesso em: 9 set. 2005.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo.** Porto Alegre: UFRGS, 1993.

SOUSA, Mariana Pecoraro de.; GATTI JÚNIOR, Décio. **História da Educação e Instituições Escolares: Aspectos Teórico-Metodológicos.** Revista HISTEDBR ON LINE, n.15, setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/rev.html>> Acesso em: 19 set. 2005.

TAMBARA, Elomar. **Profissionalização, escola normal, e feminilização: Magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX.** História da Educação. ASPHE. Pelotas: Editora da UFPel, n.3, p.35-57, Abr.1998.

TAMBARA, Elomar; ARRIADA, Eduardo. **Coletânea de Leis sobre o ensino primário e secundário no Período Imperial Brasileiro.** Pelotas: Seiva, 2005.

6. Fontes Documentais

Jornal A Discussão, 1/4/1886.

Jornal A Discussão, 1/4/1886.

Jornal A Nação, 16/1/1894.

Jornal Diário de Pelotas, 1/1/1888.

Jornal Diário Popular, 1/1/1893.